

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO INTERIOR DA PARAÍBA: O ATAQUE A IGREJA ADVENTISTA DE BAIXA VERDE

Daniel da Silva Firino
Mestrando em História na UFPB
danielfirino@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar, através da história cultural, o ataque a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) que ocorreu no ano de 1940 no sítio Baixa Verde pertencente na época a vila de Queimadas. Tal assunto possui relevância diante da tímida produção acadêmica sobre a história do protestantismo na Paraíba e da discussão trazida sobre as relações entre catolicismo e protestantismo na Paraíba durante a primeira metade do século XX. Foram utilizados como fontes oito relatos desse acontecimento publicados na Revista Adventista (RA). A primeira metade do século XX foi marcada por diversos acontecimentos políticos e religiosos no Brasil. Dentre eles têm-se a implantação do estado laico, o fim do padroado, a romanização e a renovação católica. Esses dois últimos foram importantes para formação de uma identidade católica apostólica romana no país. Foi também um período marcado por intolerância religiosa movidos pela polêmica antiprotestante que convinha combater os protestantes, muitas vezes, através do desprezo e do escárnio. O ataque a IASD em Baixa Verde foi apenas um dos casos em que a luta entre identidades religiosas ultrapassou a esfera teórica para física.

PALAVRAS CHAVES: Adventismo; Protestantismo; Intolerância

Uma tragédia anunciada

Era quarta-feira, dia 21 de fevereiro, quando Jerônimo G. Garcia¹ telegrafou para Moises Nigri² para ir a Campina Grande com intuito de fazer uma visita pastoral aos interessados que moravam no sítio de Baixa Verde³ e dar início a uma escola primária⁴.

1Superintendente (presidente) da Missão Nordeste, divisão administrativa da Igreja Adventista que era responsável pelo gerenciamento das igrejas e dos grupos do nordeste brasileiro.

2Era Pastor de todas as igrejas e grupos adventistas da Paraíba e, segundo Lira (1962), também era departamental de educação e obra missionária que na época morava em João Pessoa.

3 Segundo Garcia (1940), o sítio ficava a três léguas de distância da vila de Queimadas, contudo Olson (1940) escreveu que ela ficava a dois quilômetros desta mesma vila. Nigri (1960) descreve que o sítio ficava a cinco léguas de Campina Grande. Lá “estava sendo realizada uma campanha evangelística” (NAGEL, 1996, p. 96), contudo o grupo já existia há dois anos. Sobre a origem do grupo de adventistas em Baixa Verde Olson informou que 1938 um adventista “se estabeleceu numa fazenda sítio a uns seis quilômetros de Queimada, na Paraíba, e começou logo a falar com seus vizinhos a respeito da verdade. Apareceram, depois, alguns colportores vendendo Patriarcas e Profetas e O Raiar de um Novo Dia. Bom

Eles se encontraram na sexta, dia 23 de fevereiro, na estação. Garcia estava acompanhado pelo professor Joel Florêncio⁵ e Nigri pelo Jacó Kroeker⁶ que os levou à sua casa. Segundo Garcia, “a primeira conversa que ouvi foi a respeito de uma projetada agressão que elementos católicos de Queimadas haviam prometido fazer no sábado à nossa congregação em Baixa Verde” (1940, p. 10).

Enquanto conversavam chegou Luiz Pereira⁷ que contou da agressão que o interessado José Campos sofreu na vila de Fagundes pelo padre Oscar⁸ e de outros católicos enquanto lia a bíblia na casa de um particular a pedido do próprio morador. Luiz falou que o “padre Oscar prometera, àquele interessado, ir no próximo sábado a Baixa Verde, à hora do culto para, a-cacete, acabar com a casa e a congregação⁹” (NIGRI, 1940, p. 10).

Após tomar ciência do fator, foram falar com o delegado, tenente Cezariano, para pedir proteção e este lhe entregou um cartão que deveria ser entregue ao subtenente sargento Luiz de Queimadas. O cartão informava-o das ameaças e da garantia constitucional da liberdade de culto e solicitava as medidas necessárias para salvaguardá-la.

número de pessoas se interessou. Uma escola sabatina foi organizada e, tempos depois, mais outra. Foi adquirido um prédio e estabelecida uma igreja” (1940, p.12). Conforme Andrade (1995), esse adventista chamava-se Sildolfo Barbosa de Andrade que junto com Antonio Bezerra ajudaram a fundar a igreja de Campina Grande e os grupos de Zumbi e Queimadas. Nigri (1940) informou que existiam cinquenta pessoas matriculadas na escola sabatina e muitas crianças para a escola primária.

4A escola foi fundada naquele ano no sitio que, provavelmente, pertencia a Sildolfo Barbosa de Andrade, um dos membros da igreja de acordo com Andrade (1995), e que financiou o professor. A escola chegou a possuir “120 alunos matriculados” (NIGRI, 1964b, p. 23) durante a gestão de Moises Nigri como pastor de toda Paraíba.

5 Joel Florêncio foi o primeiro professor da escola adventista em Baixa Verde “formou-se em Teologia, em 1952, no antigo Colégio Adventista Brasileiro. Como pastor, trabalhou desde São Paulo até o Rio Grande do Norte. Antes da jubilação atuava na Associação Rio de Janeiro”(R.A, 2002, p. 39).

6Dirigente da congregação daquela Cidade

7 De acordo com Garcia (1940, p.10), Luiz Pereira era membro do grupo adventista de Baixa Verde.

8 Oscar Cavalcanti nasceu no dia 4 de dezembro de 1890, foi padre coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campina Grande até 1928, Pároco de Fagundes de 1928 a 1944 e de Queimadas de 1944 a 1963 (Disponível em <<http://tataguassu.blogspot.com/2011/03/datas-queimadenses.html>> acesso 25/04/2019) .

9De acordo com Olson (1940), esta promessa de agressão foi motivada pelo crescimento de interesse pela mensagem adventista e possuía como objetivo destruir a escola e a casa de oração.

Também composto pelos seminaristas e colportores Francisco e José Nunes da Costa, o grupo deslocou-se de Campina Grande para Queimadas¹⁰ no sábado, logo cedo, para entregar o documento ao subdelegado. Mantiveram conversa com ele por um tempo e explicaram que estavam ali para uma visita pastoral e que seus princípios cristãos não os permitiam desacatar qualquer que seja antes, pelo contrário, ensinava-os a respeitar a crença de todos e obedecer às leis do país.

O sargento disse para eles o seguinte: "Si a lei mandasse perseguir os protestantes eu os perseguiria, mas como a lei garante, eu também garanto. Sou católico, mas qualquer coisa que houver podem vir aqui me comunicar, que eu garanto" (GARCIA, 1940, p. 10). Agradeceram e se despediram.

Ao atravessarem a rua, perceberam um movimento estranho. Estava acontecendo às Santas Missões realizadas por dois frades: frei Cipriano e Padre Óscar. Segundo Nigri, ambos aproveitaram o ensejo para descarregarem sobre eles “toda a sua ira contra os evangélicos. Aos sons de ‘bode, bode!’, ‘abaixo os nova seita’, ‘mée, mée” (1960, p 26)¹¹.

Em seguida, eles foram a Baixa Verde onde moravam os adventistas e existia a casa de oração¹². No caminho encontraram um altar recém construído com a seguinte inscrição: “Deus nos livre dos Nova ceita”¹³ (GARCIA, 1940, p. 10). Nigri (1964) relata outras duas inscrições: “abaixo novas-seitas” e “morreram os protestantes”. Ao chegar a Baixa Verde, foram à casa de Severino Venâncio Sobrinho e depois à casa de Luiz Pereira onde ficaram hospedados.

Nesta última, o primo de Luiz, que passava pelo local, disse que ouvira falar que os católicos realmente iriam cumprir a promessa da agressão. Mas o grupo não quis dar ouvidos aos boatos, pois não acreditavam que um sacerdote culto pudesse consentir com a agressão. Segundo Nigri,

10A viagem durou cerca de uma hora (GARCIA, 1940, p10).

11 Lira (1962) também relata que ao passarem por Queimadas os moradores fizeram grande algazarra e xingaram o grupo que se dirigia à Baixa Verde.

12 Segundo Nigri (2014), a igreja havia alugado um salão próximo a um bar. Esse salão durante a semana servia de escola e no fim de semana era utilizada como casa de culto.

13Tanto os relato de Garcia (1940) e Olson (1940) falam deste altar. Contudo, para este ultimo, o altar estava servindo para despertar interesse pela mensagem adventista.

“O ambiente estava quente, porque desde que os católicos souberam da nossa intenção, começaram a espalhar boatos de que iriam arrazar o prédio onde nos reuníamos, colocar o professor num tonel de azeite fervendo, matar, perseguir, etc. Naturalmente nós não tivemos medo, mas a prova ia ser dura mesmo, como ficou provado no sábado de manhã, quando iniciamos a escola sabatina” (1960, p. 26).

O temido ataque concretiza-se

Na hora de costume, dirigiram-se ao prédio, onde eram realizadas as reuniões, para iniciar a escola sabatina.

“Os crentes vinham de todas as partes:¹⁴ alguns eram batizados, e outros interessados. Eram homens, mulheres e crianças que se dirigiam à casa de oração para adorar a Deus em espírito e verdade. O salão regorgitava e os crentes estavam cheios de satisfação por se reunirem no santo dia de sábado¹⁵ para adorar a Deus, e por notarem a presença dos pastores¹⁶ que os visitavam.”(GARCIA, 1940, p. 10).

Nigri estava organizando a escola sabatina e enquanto cantavam o primeiro hino da manhã chamado de “Em teu nome começamos esta escola, ó Senhor”¹⁷, José Pereira avisou que uma multidão estava se aproximando e ouviram gritos e pedradas no telhado. O pastor Garcia falou o seguinte: “deixe que venham. Não fizemos nenhum mal a eles, nem ao Padre Óscar. Sempre temos respeitado a crença de todos. Deus nos guarde” (GARCIA, 1940, p. 10).

Cerca de 200 a 300 pessoas, a maioria era de mulheres, se aproximaram armadas de pau, folhas de palmeiras e pedra gritando como furiosos e procurando agredir os que estavam à porta para entrar e acabar com os “Crentes de Baixa Verde, assim havia resolvido a santas missões na noite anterior” (NIGRI, 1964a, p. 17).

14 Esses Crentes que vinham de todas as partes podem ser alguns membros do grupo de Campina Grande que, de acordo com Olsen (1940), também se encontravam na reunião.

15A guarda do sábado, para atividades religiosas, é uma das principais crenças dos adventistas do sétimo dia. Para eles, o sábado inicia-se no por do sol da sexta e termina no por do sol do sábado.

16Na época existiam poucos pastores, pois se exigia atuação a conclusão do seminário adventista. Muitas vezes os pastores vinham de outros países. As igrejas e grupos normalmente eram gerenciados por líderes locais.

17 Apenas nos relatos do pastor Nigri de 1960 e 1964 aparecem o nome da música.

A multidão cercou o prédio e os cinquenta adultos mais as crianças que estavam na casa de oração ficaram presos. Segundo Nigri,

Já estávamos quase no fim da terceira estrofe do nosso hino quando a turba parou em frente de nosso salão, gritando, cantando também à Virgem Maria, levantando ameaçadoramente seus paus e folhas de palmeiras. Ao mesmo tempo as pedras começaram a ser jogadas no nosso telhado, quebrando as telhas, que caíam em pedaços dentro do salão, ameaçando a vida das crianças e adultos ali dentro. Não sei quantas vezes cantamos o hino "Em Teu nome começamos esta escola, ó Senhor ...," mas sei que seguimos cantando, e cada vez mais forte, até que veio o conselho do pastor Garcia para que parássemos, pois do contrário a turba também não pararia de cantar e gritar (NIGRI, 1964a, p. 17)

Conforme Lira, “Foi uma hora¹⁸ de verdadeiro vandalismo e selvageria. Escárnio, zombaria, atrevimento, palavrões, tudo era comum daquela gentalha” (1962, p. 30). Garcia descreve o ataque da seguinte forma:

“A multidão começou a apedrejar a casa de oração, dando vivas ao Padre Óscar, a frei Cipriano e à igreja católica. De mistura com gritos vinha toda sorte de nomes e ofensas, como sejam: Bodes! novas seitas! diabos! crentes safados! coisa ruim! e outros termos criados pela credice fanática dos agressores. A impressão que nos deu aquela cena é a mesma que temos da descrição dos profetas de Baal no monte Carmelo, quando foram oferecer sacrifícios, desafiando o Creador. Houve homens e mulheres que gritaram a ponto de ficar roucos; outros, de raiva, rasgaram as roupas, com vontade de nos agredir; outros ainda, choravam de ódio, e alguns desmaiavam de cólera. A agressão durou mais de duas horas. Acredito que os anjos nos Guardaram nessa ocasião. Enquanto, fora do edifício, aconselhávamos o povo a acalmar-se, nossos crentes continuavam dentro, rogando ao Senhor que nos protegesse [...] De todos os corações uma oração silenciosa se elevava a Deus pedindo sabedoria para agir naqueles momentos, é proteção para os nossos crentes” (1940, p. 10).

Alguns tentavam forçar a entrada para agredir os que estavam lá dentro, mas nas portas estavam o colportor Severino Pereira e um desconhecido não adventista que não os deixaram entrar. Segundo Lira (1962), o primeiro foi agredido com açoites e varadas tentando proteger a entrada.

18 Os relatos variam sobre o tempo de duração do ataque, mas vão de uma a três horas.

Segundo Olson (1940), alguns católicos que eram vizinhos e parentes dos membros adventistas chegaram armados e tentaram reagir, mas foram advertidos a não usar de violência. Nigri (1964a) também escreveu que um adventista, crente novo, QUE ficou exaltado com situação e tentou sair do salão para se vingar, porém foi impedido. “Um interessado que estava com a esposa e quatro filhos ficou irritado e tirou um facão da cintura na intenção de partir para cima dos manifestantes” (NIGRI, 2014, p. 63), mas Nigri o convenceu a não atacar a multidão.

“Enquanto isto as pedradas continuavam e as telhas a caírem. Tínhamos de desviar-nos para que alguma não nos ferisse a cabeça. Só o Senhor sabe a tensão em que estávamos ali dentro, sem saber o que fazer e sem poder fazer nada, só esperar ... Conseguiria a turba invadir o salão? Conseguiriam aqueles dois homens na porta conter aquelas primeiras mulheres que forçavam de vez em quando a entrada e batiam nestes dois homens enquanto diziam: "Sai daí, bode velho!" "Volta para a tua igreja, seu nova-seita!" E o irmão Pereira dava de ombros e respondia: "Como vou voltar para a Igreja Católica se eu saí de lá?" O fanatismo era tão grande que aquelas mulheres, velhas e jovens, ajoelhadas na frente do salão, gritando, chorando, clamando pela Virgem Maria e pela nossa morte, rasgavam seus vestidos, deixando ver o peito nu. A tensão dentro e fora era indescritível” (NIGRI, 1964a, p. 18).

A situação parecia piorar a cada momento, então enviaram o pastor Moises Nigri à delegacia para comunicar ao subdelegado Luiz o que estava acontecendo, mas ele não se encontrava, tinha ido à Campina Grande. A única pessoa que estava na delegacia era um praça que disse que não poderia oferecer garantia alguma, pois se saísse da delegacia deixaria o restante da cidade desprotegida.

De acordo com Nigri, tudo parecia muito bem armado pelos frades e o delegado. “Soubemos depois que o delegado na noite anterior estivera bebendo com os grandes de Queimadas, os curas e frades, e ali combinaram o plano de êle sair para Campina Grande, então nos perseguirem” (NIGRI, 1964a, p. 18).

Por duas ou três vezes, tentaram conversar com a multidão, mas era quase impossível, “devido à anarquia reinante, pois entre eles mesmos não se entendiam” (GARCIA, 1940, p. 10). Então Pastor Garcia procurou conversar com dois ou três homens que pareciam ser líderes do movimento. O nome de dois deles eram Manoel de tal e João Bezerra.

Após algum tempo de negociação, conseguiram entrar em acordo. Os dois retirariam a multidão e a casa de culto seria fechada naquele dia. Tudo estava indo bem até que alguns da multidão avançaram contra alguns adventistas “que saiam da casa de oração com suas Bíblias e hinários, afim de arrebatá-los para rasgá-los” (GARCIA, 1940, p. 10).

As bíblias e os hinários foram recolhidos e guardados em um “caixote” na casa de culto. Enquanto isso, a multidão gritava do lado de fora pedindo os livros para rasgar e destruir. Outra vez foram falar com João Bezerra, porque o acordo não estava sendo cumprido. Como não estava sendo possível sair com os livros, João Bezerra se prontificou a levá-los para um lugar seguro e garantiu não entregá-los à multidão.

Foi aberto então um caminho no meio da multidão formando um corredor em frente ao salão e os adventistas teriam que passar por ele para ir ao bar do outro lado da rua para poderem ir à casa de um membro que mora ali perto. Os Adventistas foram passando aos poucos, desta vez sem nenhuma retaliação. Segundo Nigri,

“O último a sair seria eu, que também tinha minha querida Bíblia e um livro de esboços comigo. A Bíblia era a que me acompanhava desde o meu batismo, talvez antes, e o livro de esboços foi um presente do irmão Landon no dia de minha graduação no Curso Teológico. Estava cheio de esboços. Vi todas aquelas Bíblias e Hinários no caixote. Pensei: "Será que vão devolver mesmo? Não irão destruir estas Bíblias e estes Hinários na sua fúria? Eu não posso perder esta minha Bíblia nem este livro de esboços. Aconteça o que acontecer, não me separarei deles. É um desaforo!" (1964b, p.22)

Nigri esperou que todos chegassem em segurança na casa de um dos membros que ficava no outro lado da rua para sair com sua bíblia, hinário e seu caderno de esboço escondidos abaixo do paletó. Nigri descreve a agressão sofrida da seguinte forma:

“Quando estava no meio da rua, uma velha gritou: ‘Olha a Bíblia dele!’ Antes que eu me apercebesse um grupo delas avançou para mim, agarrando-me para me tirarem a Bíblia. Só tive tempo de colocar meus livros entre as pernas, agachar-me para impedir que me tirassem a Bíblia. Aquelas unhas afiadas e sujas passaram pelo meu rosto, arranhando-me profundamente e quase me arrancaram o paletó e os cabelos! (1960, p. 26).

Enquanto isso, João Bezerra fechava as portas da casa de oração na frente Garcia e parecia que tudo tinha acabado. Mas ao chegar à frente do prédio

“notamos uma multidão de homens e mulheres agredindo o pastor Moises para arrebatarem os livros que tinha nas suas mãos. Alguns o seguravam, outros davam bordoadas e o arranhavam, tirando-lhe sangue do rosto. Afinal aconteceu o que queríamos evitar – a terra foi regada com o sangue generoso do pastor Moises. Si até aquela hora fora possível conservarmo-nos calmos, começamos depois a exigir com energia, mas ainda no temor de Deus, que o povo cessasse a agressão injustificada que estava praticando” (GARCIA, 1940, p. 11).

Alguns homens não adventistas¹⁹, como Severino Alves de Melo²⁰, ao verem a agressão a Nigri, foram ao seu socorro. Nigri relata que

“Ao deixar-me livre, todos puderam ver que o sangue corria do meu rosto, proveniente dos arranhões sofridos. Com sangue, aquela terra de Baixa Verde e da Paraíba do Norte, onde trabalhei por dois anos e oito meses como distrital, haveria de ser regada para que frutificasse a semente do Evangelho, plantada com tanto carinho e sacrifício. [...] Logo após o ter sido eu libertado das mãos daquelas mulheres, o pastor Garcia mostrou aos chefes e a todos o que haviam feito comigo. Consternação e temor agora se apoderaram deles e começaram a se desculpar, que não queriam derramar sangue etc. (1964b, p.23)

Conforme Garcia (1940), algumas pessoas que estavam na multidão disseram ter ouvido o padre e o frade dizerem que fossem atacar a casa de oração e que eles se responsabilizariam pelo que acontecesse e este fato foi confirmado por José de Barros que morava em Queimadas. “Ao terminar a agressão, o snr. João Bezerra aconselhou-nos a fugir e esconder-nos, ao que retrucamos: ‘não fizemos mal a ninguém, e homens do nosso feitio não fogem nem se escondem. Só sairemos daqui quando tivermos feito o trabalho que viemos realizar” (GARCIA, 1940, p. 11).

O pastor Nigri sofreu apenas alguns pequenos arranhões que, mesmo assim, ainda sangrava. Após fazerem curativos, uma nova escola sabatina e o culto foram organizados na casa de Severino Vicente, pois haviam combinado com o chefe da turba que não fariam culto naquele dia na casa de oração e desejavam cumprir a promessa.

¹⁹Nigri (2014), descreve que eram 3 homens que estavam no bar e que não tinham nada a ver com a multidão.

²⁰Apenas Nagel cita essa pessoa. Ele teria gritado um pouco antes de salvarem Nigri o seguinte: “Ninguém vai bater ou matar o Pastor Moyses, a não ser que para isso passe por cima do meu cadáver” (1996, p. 4). Severino chegou a se batizar apenas em 1996 após mais de 50 anos deste ocorrido.

“Aquela escola sabatina foi uma das mais abençoadas de nossa vida. Tudo nos impressionou. Como não tivéssemos bancos, ficamos de pé, tanto na escola sabatina como no culto que se seguiu. A recapitulação foi tomada pelo Irmão Severino Pereira e a lição do dia pelo Colportor estudante José Siqueira. Ninguém se sentia triste, todos estávamos contentes e satisfeitos porque Deus nos havia conservado calmos e guardados durante a Bárbara agressão” (GARCIA, 1940, p. 11).

Todos receberam as suas bíblias e hinários, “mas alguns da turba haviam entrado no salão, tirado a mesa da escola sabatina para fora, abriram as gavetas e espalharam todos os papéis e relatórios que estavam dentro. Que tristeza, tanta ignorância e fanatismo!” (NIGRI, 1964b, p. 23). Outros moradores da Vila participaram do culto e disseram que não eram a favor do que tinha acontecido e que estariam prontos para defendê-los.

Falando sobre o resultado do ataque, Garcia escreveu o seguinte: “a casa de culto ficou com o telhado quebrado. Nós, no tumulto, fomos atingidos por três pedras” (1940, p. 11). “Na tarde daquele dramático dia, o pastor Garcia estava à mesa do irmão Luiz Pereira, e virando-se para o pastor Siqueira disse-lhe: ‘Que achou do espetáculo?’ A resposta na hora foi: ‘um barbarismo nunca vi coisa semelhante’” (LIRA, 1962, p.30). De acordo com Nigri, “As ameaças continuaram. As chuvas começaram a cair. Lembro-me daquele domingo sombrio que passámos com os irmãos preocupados, mas não desanimados, nem [ficamos] temerosos”(1960, p. 26).

Os membros de Campina Grande por não se sentirem seguros em pegar o ônibus em queimadas voltaram por outro caminho. Contudo, no Domingo

“quando o motorista do ônibus voltou a Queimada, o padre, acompanhado de uma grande turba, cercou-o, para puni-lo por haver conduzido os adventistas. Mas o homem estava armado de faca e revólver, e disse ao sacerdote que, se ele e seus companheiros tentassem agredi-lo, faria uso de sua arma de fogo, antes que tivessem tempo de atacá-lo. Acrescentou que era católico, mas daquele dia em diante não mais o seria. Finalmente, a polícia, agindo com habilidade, convenceu o padre e seus companheiros a se dispersarem. O motorista do ônibus, ao chegar a casa arrancou da parede todos os santos que tinha e os destruiu. Ele e sua esposa estão agora interessados na verdade” (OLSON, 1940, p 12).

Como havia boatos que a agressão se repetiria, os pastores ficaram na Vila até segunda às três horas da madrugada. As santas missões haviam terminado, “tudo estava escuro, apenas algumas luzes aqui e ali no Mercado... a cidade dormia depois das bacanais espirituais que tivera e dos barbarismos cometidos contra um pequeno grupo de filhos de Deus” (NIGRI, 1964b, 23).

Ao chegar a Campina Grande, foram falar com o delegado que já sabia do que havia acontecido. Ele garantiu que a agressão não ocorreria novamente, mas não confiaram no delegado e foram falar com o Juiz que afastou o delegado e o subdelegado e falou duramente com o padre e os dirigentes do Grupo escolar, que faziam parte da multidão que atacou a igreja. Depois disso, as ameaças pararam.

Considerações finais

O ataque a igreja adventista de Baixa Verde, revela uma luta entre duas identidades religiosas distinta: católica e protestante. Essa luta entre identidades muitas vezes ficava apenas nas representações²¹ onde uma identidade representava a outra de forma negativa²² para afirmar sua identidade através da diferença²³.

Em vários momentos, são perceptíveis a diferenças²⁴ entre os católicos e os adventistas nas representações. Os adventistas são representados como aqueles que respeitam as crenças, que são tolerantes, que são corajosos. Quando alguém dessa identidade foge desse padrão é tido como um crente novo ou recém batizado. Os

21 Mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade. (CHARTIER, 2002a, p. 23)

22 “representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam (CHARTIER, 2002a, p.17)

23a marcação da diferença implica, sempre, as operações de incluir é de excluir. [...] dizer “O que somos” significa também dizer “o que não somos”. Afirmer a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.[...] essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo afirmam e reafirmam, relações de poder (SILVA, 2008, p. 82)

24 “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo. (CHARTIER, 2002b, p. 66)

católicos são representados como fanáticos, selvagens, covarde, etc. Porém, os católicos também representavam os adventistas de forma negativa chamando-os de bodes, novas seitas, crenes safados, etc.

Esse ataque não foi um acontecimento isolado, em várias partes do país aconteceram fatos semelhantes. Isso aconteceu porque com a implantação do estado laico, a igreja Católica passa por uma profunda transformação, pois a partir então ela está livre das amarras do governo, mas não tem a proteção dele. A credibilidade da igreja estava baixa e o protestantismo avançava, forçando-a a estar mais presente na sociedade para se tornar relevante.

Com isso, inicia-se o processo de romanização onde ocorre a expansão da igreja através da criação das escolas, seminários, etc. A partir da década de 1920 a igreja sentiu a necessidade de tornar os seus fieis militantes, então surge o movimento da renovação católica. É nesse período que o antiprotestantismo ganha mais força e ocorre com mais frequências ataques como o de Baixa Verde.

As “Santas Missões” tiveram muita importância nesse processo. Através delas o catolicismo romano estava mais presente nas cidades do interior, principalmente nas que antes estavam sem presença ativa do clero. O catolicismo popular foi aos poucos sendo sufocado, praticas não autorizadas foram perseguidas e intensificava a luta contra os “os filhos de Lutero”.

Segundo Sylvestre (2014), as santas missões perseguiram ferozmente os protestantes e por onde passa deixava marcas da intolerância. Muitos protestantes tiveram que fugir das suas cidades devido ao forte sentimento antiprotestante. Católicos eram instruídos a não comprarem, venderem ou alugarem o que quer que seja aos protestantes. Templos protestantes foram destruídos, pessoas foram espaçadas e assassinadas. O fortalecimento da identidade católica foi à custa da identidade protestante e Baixa Verde foi apenas um fato de intolerância religiosa no interior da Paraíba que serviu para este fim.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Izaias Barbosa de. Um herói anônimo. **Revista Adventista**. Tatuí, v 91, n 7, p. 36, jul., 1995

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. Ed, Miraflores: Difel, 2002a

CHARTIER, Roger. **À beira da falecia: a história entre certezas e inquietudes**. 1. Ed. Porto Alegre: editora UFRGS, 2002b.

FALECIMENTOS. **Revista Adventista**. Tatuí, v 98, n 10, p. 39, out., 2002

GARCIA, J. G. “Pelos seus frutos o Conheceréis”. **Revista Adventista**. Santo André, v 35, n 5, p. 10 - 11, maio, 1940.

LIRA, S. Frutos de Semente Regada com Lágrimas e Sangue. **Revista Adventista**. Santo André, v 57, n 1, p. 30, jan., 1962

NAGEL, Ruy. Lançando “o teu pão sobre as águas”. **Revista Adventista**. Tatuí, v 92, n 12, p. 36, dez., 1996

NIGRI, M. S. Pelo Norte e Nordeste – IV: Notas de Viagem. **Revista Adventista**. Santo André, v 55, n 4, p. 25 – 26, abril, 1960.

NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v 59, n 10, p. 16-18, out., 1964a

NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v 59, n 11, p. 22-24, nov., 1964b

NIGRI, M.S. **Sem fronteiras: a envolvente história de um homem que marcou época**. 1ª ed. Tatuí, casa publicadora brasileira. 2014

OLSON, H. O. Do Nordeste. **Revista Adventista**. Santo André, v 35, n 10, p. 12, out., 1940.

RODRIGUES, Alcides C. Campina Centenária. **Revista Adventista**. Santo André, v 60, n 3, p. 15, mar., 1940.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social de Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: vozes, 2008. p. 73-102.

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos: Antes que as marcas se apaguem**. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.